

The Colonial Gaze – A Paisagem do Arquipélago da Madeira pelos Olhos de Mildred Cossart¹

The Colonial Gaze – The Landscape of Madeira Archipelago as Seen by Mildred Cossart

Anne Martina Emonts²

Resumo

O contributo apresenta o olhar artístico de Mildred Cossart (1879-1966) sobre as paisagens do Arquipélago da Madeira na primeira década do século XX no seu contexto histórico, literário e pictórico. Para além de ser analisado o valor estético, geográfico e histórico da representação da paisagem do Arquipélago e dos seus habitantes nas fotografias do tempo do colonialismo, será estudada a sua representação enquanto apropriação simbólica: gesto que actualmente encontra o seu contínuo na turistificação pictórica do espaço insular.

Palavras-chave: Paisagem; Colonialismo; *Visual Studies*; Turismo, Geocrítica; *Travelogue*; Género.

Abstract

This contribution presents the artistic view of Mildred Cossart (1879-1966) on the landscapes of the Madeira Archipelago in the first decade of the 20th century in its historical, literary and

¹ Este ensaio nunca teria sido escrito sem a ajuda preciosa de Fátima Barros, Otília Welsh, Anthony Miles, Adam Blandy, Andrew Blandy, David Cossart, Anne Cossart, Emanuel Gaspar e Manuel Biscoito. Os meus sinceros agradecimentos pela sua paciência e pela sua generosidade em dispor fontes de informação.

² Professora Auxiliar da Universidade da Madeira (UMa); Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC), Universidade Católica Portuguesa, Lisboa; Colaboradora do Centro de Investigação de Estudos Regionais e Locais (CIERL), UMa, Funchal; entre outros. Licenciada, em 1983, em Estudos Alemães e Teologia Católica na Universidade e Bona, Alemanha, e em Estudos Portugueses na Universidade de Lisboa (1995). A sua tese de Mestrado em História Contemporânea de Portugal na UMa foi premiada com o prémio nacional Mulher Investigação – Carolina Michaëlis de Vasconcellos e publicada em 2001. Em 2006, na mesma universidade, concluiu o seu Doutoramento, publicado em 2009. A sua investigação (século XX) contempla Estudos Culturais, *Visual Studies*, Estudos de Género, Modernismos, Mobilidade e Transferência Cultural (em contextos insulares). Foi *visiting fellow* no Centro de Estudos de exílio alemão e austríaco, da Universidade de Londres (Abril-Julho de 2015). Contacto: martina.emonts@staff.uma.pt.

pictorial context. Beyond its aesthetic, geographical and historical value, the representation of the Archipelago's landscape and inhabitants on the photographs of the colonial period will be analysed for its symbolic appropriation: a gesture that continues in the pictorial turistification of the insular space.

Keywords: Landscape; Colonialism; Visual Studies; Tourism; Geocritic; Travelogue; Gender.

1. Introdução

O conceito de paisagem tornou-se, no início do século XXI, e no contexto da globalização, de uma geopolítica alterada, das migrações maciças e do papel socioeconómico relevante do turismo, paradigma científico por excelência. Acompanhada pela reflexão crítica sobre o paradigma fértil de espaço³, a representação da paisagem literária e pictórica revelou-se objecto de estudo interessante para as mais variadas áreas de investigação. O presente trabalho apresentará o olhar artístico de Mildred Cossart (1879-1966) sobre as paisagens do Arquipélago da Madeira na primeira década do século XX no seu contexto histórico, literário e pictórico. Pretendemos analisar a representação da paisagem do Arquipélago e dos seus habitantes nas fotografias do tempo do colonialismo – para além do seu valor estético, geográfico e histórico – como apropriação simbólica: gesto que actualmente encontra o seu contínuo na turistificação pictórica do espaço insular. Interpretamos as fotografias de Mildred Cossart no enquadramento teórico e no contexto alargado da 'literatura visual' de viagem em inícios do século XX⁴.

2. A História das Ilhas Desertas

Sem discutir e desenvolver o facto da presença inglesa no Arquipélago da Madeira através da História referimos aqui apenas o curto espaço temporal da viragem do século XIX para o século XX, ou seja, os tempos do auge do colonialismo exercido pelas potências europeias. O Arquipélago da Madeira, terra cobiçada por razões de estratégia geopolítica e comercial⁵, foi e é destino de viagens cujas motivações complexas e

³ AUGÉ, 1992, *Non-Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*; WESTPHAL, 2007, *La Géocritique: Réel, fiction, espace*.

⁴ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*; ARONDEKAR, 1993, «Reading (Other)Wise: Transgressing the Rhetoric of Colonization», pp. 163-176; LANGBEHN, 2010, «Picturing Race: Visuality and German Colonialism [Introduction]», pp. 1-33.

⁵ RODRIGUES, 2006, *A Madeira entre 1820 e 1842: Relações de poder e influência Britânica*.

entrelaçadas⁶ foram e são documentadas por escritores, cartógrafos, pintores e, *last but not least*, por fotógrafos. O presente ensaio focar-se-á nas Ilhas Desertas e é motivado pela feliz circunstância de que, no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), se encontra um álbum “Desertas”, com fotografias compostas por e provavelmente da autoria de Mildred Cossart, cedido generosamente ao arquivo por Anthony Miles⁷. Trata-se de um álbum privado, de 1910. Nas 24 páginas estão coladas 62 fotografias, das quais nove contêm motivos de um país da África do Norte não identificado.

2.1 As Ilhas Desertas como Território

A história, as propriedades geofísicas e o destino das Ilhas Desertas foram minuciosamente descritos por historiadores, assim como a sua fauna e flora em inúmeras publicações de biólogos ou geólogos. Nelson Veríssimo e Jorge Valdemar Guerra relatam a instituição do morgado das Desertas⁸, um ensaio acompanhado por fotografias de teor geológico, de 1997. O primeiro estudo da dependência administrativa das Desertas é apresentado por Rui Santos, igualmente em 1997⁹. Santos descreve a história da propriedade das Ilhas no século XIX e o processo da ‘arrematação’ das Ilhas por Charles John Cossart e Henry Calverley Hinton, em 1894, apresentando, entre outras, fotografias de uma caçada nas Desertas em que participou o Príncipe Alberto de Mônaco, em 1889, e um desenho de Louis Tinayre, de quem ainda iremos falar no presente estudo. Esclarece o processo documental complexo que reflecte uma história territorial algo complicado até 1972, ano em que «o Estado Português, em 24.01.1972, regista a seu favor, aquelas ilhotas»¹⁰. O estudo mais completo e panorâmico sobre as Ilhas Desertas é de autoria de João Adriano Ribeiro, de 1999¹¹. Ribeiro abrange no seu pequeno livro a história do território, assim como a sua exploração económica, flora, fauna e geologia. Para o presente estudo os tempos da aquisição das Ilhas por cidadãos britânicos tem especial interesse. Como todos os autores referidos salientam, a compra das Ilhas por ‘estrangeiros’ incitou alguma polémica na imprensa de então. Completamos a investigação sobre a questão por uma leitura do chamado *Scrapbook*, uma espécie de dossier composto pelos compradores das Ilhas em causa. Contém

⁶ REBOK, 2009, «La Exploración Naturalista de Madeira en el Siglo XIX: los Viajeros alemanes y su Interés por esta Isla», pp. 1323-1337.

⁷ ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3.

⁸ VERÍSSIMO, GUERRA, 1997, «A Instituição do Morgado das Desertas», pp. 5-22.

⁹ SANTOS, 1997, «As Desertas. A sua Dependência Administrativa», pp. 23-34.

¹⁰ SANTOS, 1997, «As Desertas. A sua Dependência Administrativa», p. 32.

¹¹ RIBEIRO, 1999, *As Ilhas Desertas*.

cópias de uma certidão de compra de 1481 e respectiva transcrição, demais legislação em relação ao território, correspondência, mapas, peritagens sobre a flora e fauna das Ilhas, assim como fotografias, uma lista dos ilustres visitantes, artigos de revistas e artigos dos jornais que comentam a aquisição de território português, assim como artigos sobre a prática de desporto, ou seja, da caça, nas Ilhas¹². O gesto colonial da apropriação de território português por 'estrangeiros' é, por exemplo, comentado no *Diário de Notícias* de 9 de Janeiro de 1895. Relata-se, citando o *Commercio de Portugal* de 4 de Janeiro de 1895, que «O capitão do porto e o comandante militar protestaram contra a adjudicação, mais [!] o juiz de direito manteve-a.»¹³ O *Diário de Notícias* do dia seguinte traz um artigo crítico em que é expressa a maior preocupação:

«Causa estranheza esta compra feita por súbditos inglezes e por um tão alto preço e muito mais o empenho que mostram os actuaes proprietários em as obter quando ellas produzem pouco ou nada. Diz o nosso solícito informador que é de suppôr que da parte dos dois inglezes não haja intenção alguma criminosa a respeito das referidas ilhas, mas nem por isso deixa de ser grande e serio o perigo da passagem d'aquellas ilhas para mãos de estrangeiros. [...] Sendo estrangeiros os seus actuaes possuidores, poderão amanhã, se quiseram, arvorar o pavilhão inglês nas ilhas Desertas, e ninguém poderá obstar a que o façam.»¹⁴

O grande interesse das potências europeias no Arquipélago da Madeira, assim como a concorrência entre elas, explica-se pela posição estratégica das ilhas no meio do Atlântico, ou seja, como estação incontornável nas rotas marítimas entre os continentes. A aquisição das Ilhas Desertas por dois dos *beneficent usurpers*¹⁵, em 1894, poderá ser compreendida, também, no contexto da, como diz o título de um dos capítulos no livro de Desmond Gregory, «German Challenge to British Monopoly»¹⁶ e do Ultimato Inglês, de 1890.

2.2 Os Cossart & Companhia: *Possunt Quia Posse Videntur*

O trabalho mais completo em relação à presença da família Cossart no arquipélago da Madeira devemos a Elisabete Teixeira Gouveia Rodrigues, com a sua tese *Os Cossart* em que traça a história desta dinastia de comerciantes de origem huguenote, que estabeleceu o seu negócio na Madeira em 1745¹⁷.

¹² Uma cópia do dossiê, doravante chamado *Scrapbook*, cujo original se encontra em mãos de David Cossart, foi-me gentilmente emprestado por Manuel Biscoito a quem dirijo os meus agradecimentos.

¹³ «AS ILHAS DESERTAS», 1895, in *Diário de Notícias*, 9.1.1895, s.p.

¹⁴ «AS ILHAS DESERTAS», 1895, in *Diário de Notícias*, 10.1.1895, p. 2. Mantivemos a ortografia do original.

¹⁵ GREGORY, 1988, *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*.

¹⁶ GREGORY, 1988, *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*, pp. 112-124.

¹⁷ RODRIGUES, 2013, *Os Cossart. Traços de uma Presença Inglesa na Madeira Oitocentista*.

Elisabeth Rodrigues apresenta a história completa desta família de comerciantes britânicos desde a explicação da heráldica familiar (Moto: *Possunt quia posse videntur* [“Podem, porque parecem poder”]), através do desenvolvimento do comércio de vinho, até o episódio das Ilhas Desertas em que é, brevemente, mencionada Mildred Cossart na sua qualidade de ilustradora do livro de William Henry Koebel¹⁸ e representada com a emblemática e surpreendente fotografia «Mildred Cossart – Pesca de Enguias – Ilhas Desertas» (ver fig. n.º 1).

Fig. n.º 1 – «Eel fishing at the Castanheira»: Mildred Cossart caça enguias, nas Ilhas Desertas



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 17.

¹⁸ KOEBEL, William Henry, 1909, *Madeira: Old and New, Illustrated with Photographs by Miss Mildred Cossart*.

Neste caso, o fotógrafo tem que ter sido outra pessoa não identificada. Uma tiragem com temporizador automático, nesta situação específica, é pouco provável. Uma política de casamentos entre as famílias dominantes da Madeira era usual nesta altura e, ainda, no século XX: Mildred Cossart, por exemplo, é fruto de uma ligação dos Cossart com a família Blandy. As notícias sobre os Cossart e a sua ligação com as Ilhas Desertas devemos às informações que constam do mencionado *Scrapbook*, que contém também uma documentação bastante completa sobre as tentativas de cultivo de plantas nas ilhas à base de peritagem científica e reflecte o grande interesse que o território teve para as famílias britânicas presentes no Arquipélago da Madeira.

Fig. n.º 2 – Fotografia Emblemática contida no *Scrapbook*: para além da representação paisagística romântica demonstra-se o gesto de tomada de posse das Ilhas Desertas e sugere-se uma sensação de habitabilidade – até para mulheres



Pool at Cargu da Lapa Deserta

Fonte: *Scrapbook*, cortesia de David Cossart e Manuel Biscoito.

2.3 Os Cossart & Companhia e as Desertas

Desmond Gregory, no seu livro sobre a presença prolongada dos britânicos na Ilha da Madeira, procura responder à questão «why this small community was able to exert so marked an influence, one that the Portuguese have acknowledged but perhaps not always appreciated»¹⁹, não deixando, já no seu prefácio, qualquer dúvida sobre a própria atitude colonial (ou seja, neste caso, pós-colonial) em relação ao território: «Madeira has always been a province of Portugal but, as I shall try to demonstrate, it was until fairly recent years an associate outpost of the British Empire»²⁰. Ou seja: já através do título irónico, chamando os usurpadores de beneficentes, deixa transparecer que julga a presença inglesa na Ilha justificada e proveitosa. Sem querendo discutir o que se entende, ainda em 1988, sob o conceito de um «associate outpost», ou o sucesso provado do espírito empresarial beneficente para a Ilha das famílias britânicas residentes, é óbvia a naturalidade com que os sujeitos britânicos se apropriam de terra alheia – de forma simbólica ou não – justificando a sua presença justamente com este sucesso económico.

Louise Pratt, no seu livro influente *Imperial Eyes, Travel Writing and Transculturation*, formula:

«Like the rise of interior exploration, the systematic surface mapping of the globe correlates with an expanding search for commercially exploitable resources, markets, and lands to colonize, just as navigational mapping is linked with the search of trade routes.»²¹

No entanto, Gregory indica como razão principal deste interesse a popularidade do vinho da Madeira e do clima ameno que, desde séculos, atraiu viajantes. Conta a história completa dos colonizadores britânicos desde 1590, e se um dos capítulos tem o título conseguido «Wine, Sugar, and Land»²², outro explica a faceta religiosa dos conflitos causados pela presença britânica na Madeira.

A corrida colonial deve ter contribuído para o desejo de alargamento do território de influência britânica: para além de interesses desportivos a satisfazer nas Ilhas Desertas, outros interesses devem ter motivado a compra do território português. Ou seja: as fotografias de Mildred Cossart, para além de serem documentos de memória familiar, comprovam um processo de colonização em miniatura, inclusive a ostentativa demonstração da caça, das presas e dos acampamentos – sempre em

¹⁹ GREGORY, 1988, *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*, p. 7.

²⁰ GREGORY, 1988, *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*, p. 7.

²¹ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 30.

²² GREGORY, 1988, *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*, p. 34.

presença de mulheres. As próprias mulheres vão à caça, no entanto, nenhuma delas é representada com uma espingarda: as caçadoras limitem-se à caça de peixe e de lapas. No citado *Scrapbook* encontra-se uma fotografia de uma menina («Margie»), ao lado de uma foca--monge-do-mediterrâneo (*Monachus monachus*) viva e alegre. Ou seja: os animais são, paradoxalmente, representados por um lado como companheiros ‘focos’ do ser humano (e até de meninas), e por outro lado são objectos de caça; noutras fotografias do *Scrapbook* são representados, com certa brutalidade, como presas. Um texto datilografado contido no mesmo dossiê (uma nota manuscrita data-o do ano de 1888, indicando como autor «C. B. Cossart») deve ter sido escrito para uma revista e relata a captação de uma foca jovem que foi mandada para o Jardim Zoológico de Londres onde teria morrido, infelizmente, pouco mais tarde. A propaganda para a caça em revistas e jornais é típica da altura, como p. ex. demonstra a revista *Illustrated Sporting and Dramatic News*, em que é relatada a caça nas Ilhas Desertas em dois artigos sobre o «Wild Goat Shooting» e o «Goat and Seal Shooting», o primeiro do 18 de Junho de 1892, o outro em 20 de Outubro de 1906²³. Os artigos são ilustrados com fotografias semelhantes às de Mildred Cossart, no entanto, estão no foco de interesse os resultados da caça e a força e a habilidade dos caçadores, especialmente nas cenas desenhadas, portanto imaginadas, em que caçadores em uniforme de caça apontam as suas espingardas à presa cobiçada numa atitude paramilitar. Outro exemplo é a revista *Country Life* que publica um artigo sob o título «Sport in Other Lands», apresentando igualmente algumas fotografias que captam, em primeiro lugar, a paisagem das Ilhas²⁴, todas não idênticas com as fotografias no álbum de Mildred Cossart em estudo.

²³ A revista foi fundada em 1874 e existiu até 1945 sob este nome.

²⁴ Encontramos este artigo no *Scrapbook*, sem indicação de data que não conseguimos apurar em arquivos online – ao contrário do artigo citado em *Illustrated Sporting and Dramatic News*. A revista *Country Life* foi fundada em 1897 e existe até hoje.

Fig. n.º 3 – Fotografia de Gesto Colonial Típico de uma Caça nas Desertas em que é visível o arsenal retórico completo: a relação hierárquica entre o Senhorio dominante, possuidor de armas e sentado, e os ajudantes batedores que parecem ter também o seu ‘chefe’, a rica presa nos ombros; foi esta a fotografia publicada, entre outras, na revista *Country Life*



Fonte: *Scrapbook*.

Nos artigos mencionados está patente o que pode ser chamado por repertório europeu da ‘retórica colonial’: a descrição de apropriação aventureira de fauna, flora e paisagem desconhecida numa ‘expedição’, com acampamentos com tendas e refeições em ar livre, cenas de chegada ao território, cenas que apresentam a presa, as armas utilizadas, a ‘moda’ das roupas de caça, e no caso aqui analisado, também a ‘moda feminina’ usada durante um acampamento e na caça, os ajudantes ‘indígenas’, etc. Louise Pratt, no seu livro mencionado, chama à atenção para a representação de «zonas de contacto», analisando narrativas de superioridade europeia, ou seja, a função ideológica das mesmas, criando ou inventando, assim como as guias de viagem na sua generalidade até a presente data, o que Pratt chama o «domestic subject»²⁵. Pratt revela também a falsa inocência de relatos de viagem para o seu discurso sobre

²⁵ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 4.

paisagem: o homem europeu «whose imperial eyes passively look out and possess»²⁶. Pratt analisa tropos da retórica de linguagem verbal assim como visual, e no presente estudo iremos referir alguns dos conceitos chave do quadro de referência teórica de Pratt que pretende analisar a ‘literatura de viagem e exploração’²⁷.

Como o naturalista na sua ‘expedição’ naturaliza a presença e autoridade global do Europeu colonizador²⁸, para o presente estudo interessa o desportista, nomeadamente o caçador com as suas armas. Os seus ‘novos’ olhares (*gazes*) incorporam a paisagem numa linguagem já estabelecida e repetitiva, o arsenal é sempre igual. Os espaços são descritos como «unhabited, unpossessed, unhistoricized, unoccupied», nem pelos próprios viajantes. A presença humana é representada como ‘pertencente à paisagem’. Pratt designa esta estratégia narrativa como «anti-conquest», ou seja: o discurso aparentemente inocente serve «for a way of taking possession without subjugation and violence»²⁹. Ora: é justamente esta atitude que liga a narrativa colonial dos séculos passados ao turista global moderno. Em relação à representação visual Pratt afirma:

«The eye “commands” what falls within its gaze; mountains and valleys “show themselves”, “present a picture”; the country “opens up” before the visitors. [...] At the same time, the landscanning European eye seems powerless to act upon or interact with this landscape that offers itself. [...] the observers role is not only to collect the visible, but to interpret it in terms of the invisible.»³⁰

Em relação aos ‘domestic subjects’ representados Pratt ainda vai mais longe, afirmando: «Abstracted away from the landscape that is under contention, indigenous peoples are abstracted away from the history that is being made—a history into which Europeans intend to reinsert them as an exploited labor pool.»³¹

Em inícios do século XX, a fotografia alarga o repertório de representação de encontros interculturais, ou seja, de zonas de contacto, consideravelmente – através do olhar de quem possuiu as máquinas fotográficas. O mais ilustre visitante das Ilhas Desertas deve ter sido Alberto, o 1.º Príncipe do Mónaco. Quer da sua expedição científica, quer da sua caçada acompanhado entre outros por Harry Hinton, deixou as suas memórias em forma de livro. Devemos à exposição «Um Príncipe explorador, Alberto I do Mónaco, A Descoberta da Madeira, 1879-1912», no Museu de História Natural do Funchal (6 de Setembro de 2017 até 7 de Janeiro de 2018),

²⁶ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 7.

²⁷ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 37.

²⁸ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 28.

²⁹ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 57.

³⁰ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 60.

³¹ PRATT, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, p. 64.

um catálogo³², que nos permite o acesso a algumas fotografias tiradas pelo próprio príncipe cientista³³ e a numerosos desenhos e esboços, de Louis Tinayre (1861-1942). A edição de 1913-1914 do livro *La Carrière d'un Navigateur*, de Alberto, 1.º Príncipe de Mônaco, foi ilustrado com desenhos deste artista que nunca participou em nenhuma destas excursões ou caçadas do príncipe. Ou seja: estamos perante uma colecção de imagens, de paisagens e pessoas nelas, que chamo, neste presente trabalho, por 'lugares inventados'. Tinayre baseia-se, talvez, nos textos e descrições do príncipe, eventualmente nas fotografias deste e em esboços de outrem – e, em primeiro lugar, na sua imaginação.

3. Mildred

Partimos do princípio de que o objecto em apreço, o álbum "Desertas" cedido por Anthony Miles ao ABM, foi composto por Mildred Cossart: uma parte das fotografias é idêntica àquelas publicadas no guia de viagem *Madeira: Old and New*, de William Henry Koebel, em 1909, no capítulo sobre as Ilhas Desertas. O frontispício do livro indica: «illustrated with photographs by Miss Mildred Cossart»; no prefácio Koebel destaca uma vez mais o trabalho de Mildred Cossart: «In addition to Miss Cossarts illustrations, which I take no little pride in including in the volume»³⁴; o autor agradece também as outras personalidades algumas poucas fotografias que não são da autoria da fotógrafa. Ou seja: se Mildred Cossart não fosse a fotógrafa da maioria das fotografias do seu livro, não faria sentido mencionar fotografias singulares de outrem. A capa pintada à mão do próprio álbum tem qualidade artística (ver fig. n.º 9) e, sabendo que Mildred Cossart pintava (ver figs. n.º 7 e n.º 8), consideramos ser muito provável que é ela a fotógrafa pelo menos da maioria das fotografias.

Mildred Cossart, filha de Charles Cossart e de Anna Mary Furber Blandy, nasceu a 5 de Novembro de 1879³⁵. Em Maio de 1914 casou com o Major Robert George Anthony Trail³⁶, que foi morto na I Guerra Mundial, na batalha do Somme, em 1917. Mais tarde

³² «ALBERTO I, PRÍNCIPE DO MÓNACO: UMA EXCURSÃO ÀS ILHAS DESERTAS: MADEIRA», 2017 [Catálogo de Exposição].

³³ Os originais encontram-se na Colecção do Museu Oceanográfico de Mônaco.

³⁴ KOEBEL, 1909, *Madeira: Old and New, Illustrated with Photographs by Miss Mildred Cossart*.

³⁵ ABM, Igreja Inglesa da Madeira, Batismos, Livro 1, fl. 26.

³⁶ ABM, Igreja Inglesa da Madeira, Casamentos, Livro IIM 1, fl. 70. Existe uma placa memorial na Igreja Inglesa do Funchal em honra do Major que é testemunha de uma história trágica («Killed in Action near Cambrai December 1.st 1917») e menciona o casamento: «Married in this Church May 1914 to Mildred, daughter of C. J. Cossart of Madeira»

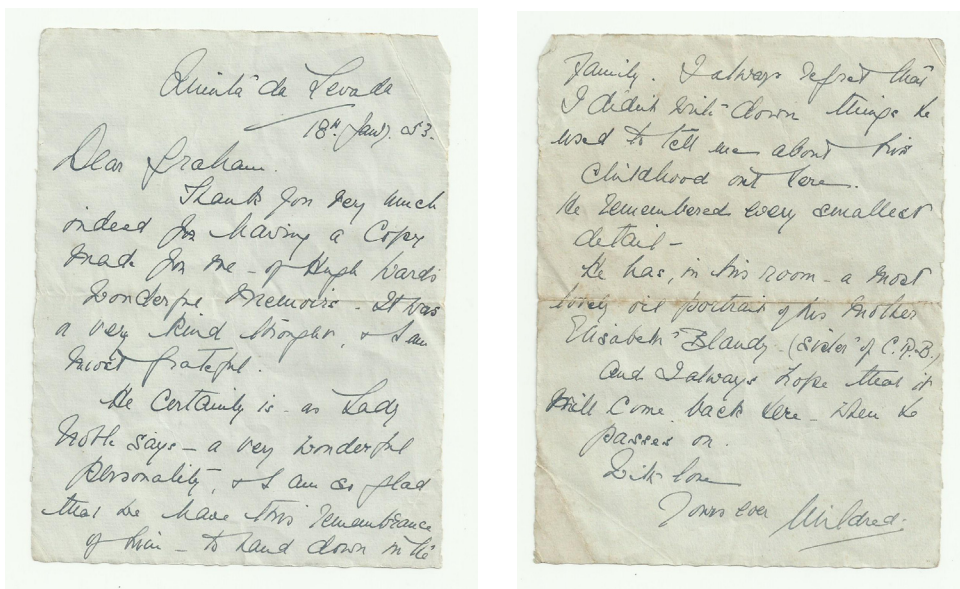
casou com Jack Lee que faleceu em 1959³⁷. Mildred faleceu em 6 de Julho de 1966 e foi enterrada no Cemitério Britânico³⁸ (ver fig. 4). Tivemos acesso a duas cartas de Mildred Lee a Graham Blandy (uma do dia 18 de Janeiro de 1953, outra de data ilegível mas certamente dos anos 50), gentilmente cedidas por Adam Blandy (ver figs. n.º 5 e n.º 6).

Fig. n.º 4 – Lápide de «Mildred B. C. Lee» no Cemitério Britânico, Funchal



Fonte: Arquivo privado de Anne Martina Emonts.

Figs. n.º 5 e n.º 6 – Carta de Mildred Lee, nascida Cossart, Lee a Graham Blandy, de 1953



Fonte: Arquivo privado de Adam Blandy.

³⁷ Pouco mais se sabe sobre o seu casamento com Jack Lee: não consta do registo de casamentos da Madeira no ABM. Jack Lee viveu com Mildred na Quinta da Levada. Neste momento, o acesso aos registos de falecimentos (*Burial Register*) da Igreja Inglesa é vedado.

³⁸ Informação cedida por Jonathan Calvert, curador da igreja, conforme consulta do *Burial Register* da Igreja Inglesa.

As cartas testemunham uma relação amigável com os Blandy por esta altura. Mildred nunca teve filhos. Habitou, até a sua morte, na Quinta da Levada, no Caminho do Monte, em que se encontram actualmente poucos vestígios da sua presença. Das entrevistas realizadas no decorrer da investigação³⁹ transparece que Mildred Lee, depois da morte do seu segundo marido, viveu em solidão e com poucos recursos. As pinturas florais no interior (!) da porta do seu quarto (ver figs. n.º 7 e n.º 8), no primeiro andar, e a capa pintada já mencionada do álbum em análise fundamentam o facto de que Mildred deve ter sido uma pessoa de grandes dons artísticos, facto esse que nos foi confirmado por Anne Cossart, que afirma que «All I know about her [Mildred Cossart] embroidery, painting, and photography is that she was extremely gifted in these three arts. She was a pioneer of the fairly new art of photography, developing her own photos, enlarging them etc. onto glass plates herself.»⁴⁰ O reconhecimento público dos mesmos, no entanto, limita-se às citadas observações de Koebel no seu livro sobre a Madeira.

Figs. n.º 7 e n.º 8 – Porta pintada por Mildred Cossart, primeiro andar da Quinta da Levada; à direita um pormenor da porta



Fonte: Arquivo privado de Anne Martina Emonts, Fotografias tiradas com a licença de Otilia Welsh.

³⁹ Entrevistas com Adam Blandy, Anthony Miles e Otilia Welsh, em 2018.

⁴⁰ Anne Cossart em *email*, 6 de Fevereiro de 2019, cortesia de Andrew Blandy.

Fig. n.º 9 – Capa do Álbum “Desertas”



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3.

Não sabemos a origem da sua inclinação pela fotografia. Podemos avançar como hipótese que o seu interesse pela fotografia poderá ter sido despertado pelo trabalho de Charles F. Raleigh Blandy, falecido em 1905. Da exposição das suas fotografias na Casa da Cultura de Santa Cruz – Quinta do Revoredo (*Fotografias de Charles F. Raleigh Blandy. A Ilha no Final do Séc. XIX*, patente de 6 de Dezembro de 2018 até 9 de Fevereiro de 2019), constam duas em que aparece a jovem e encantadora Mildred, numa cena de piquenique e num passeio de rede na montanha da Madeira (ver figs. n.º 10 e n.º 11).

Fig. n.º 10 – Picknick Alegre; à direita: a jovem Mildred



Fonte: Arquivo privado, Fotografia de Charles F. Raleigh Blandy; a digitalização foi gentilmente cedida por Emanuel Gaspar.

Fig. n.º 11 – Passeio na Montanha com a Rede; à direita: a jovem Mildred



Fonte: Arquivo privado, Fotografia de Charles F. Raleigh Blandy; a digitalização foi gentilmente cedida por Emanuel Gaspar.

Uma outra hipótese seria que Mildred guardou as fotografias de Charles F. Raleigh Blandy e ilustrou o livro de Koebel com eles. No entanto, refutamos esta hipótese pelas seguintes razões: não há, para além das fotografias de Charles F. Raleigh Blandy, em que Mildred é objecto, até a presente data, qualquer prova de uma ligação estreita entre os fotógrafos. Para além disso, Koebel teria, entre tantos agradecimentos que faz no seu prefácio, mencionado a verdadeira autoria. Tomamos a liberdade de afirmar que o olhar do engenheiro naval, reconhecível na maioria da colecção de fotografias expostas na exposição da Casa da Cultura de Santa Cruz, é algo diferente do olhar de Mildred Cossart, este reconhecível, em primeiro lugar, nas suas captações romantizantes de paisagens, quer no livro de Koebel, quer no seu álbum privado. Não negamos, no entanto, a hipótese de se encontrar, em ambos os objectos, algumas fotografias de outrem, nomeadamente de familiares Blandy, Cossart, Hinton e amigos. A todos estes olhares devemos as imagens paisagísticas únicas das Ilhas Desertas no estado em que se encontravam na viragem do século XIX para o século XX.

4. As Ilhas Desertas como Lugar Inventado

Como nos ensina a geocrítica, a literatura de viagem, verbal e visual, abunda em descrições e exploração de espaços. Quem escreve sobre território de outrem ou faz fotografias cria mapas do seu mundo e combina, sempre, os sítios reais com um espaço imaginário fictício – o que é o caso até para mapas indicados como geográficos que, na verdade, não retratam o espaço mas descobrem-no numa complexa mistura de relações imaginárias⁴¹.

No contexto maior de ilustrações e narrativas coloniais⁴² já aludimos aos desenhos imaginados por Louis Tinayre no livro do Príncipe Alberto de Mónaco. Na sua generalidade, as ilustrações de Tinayre sublinham o espírito aventureiro da narrativa eloquente do príncipe e o perigo da empresa da caça nas Desertas, em que ‘homens com barba rija’ põem à prova a sua virilidade:

⁴¹ WESTPHAL, 2007, *La Géocritique: Réel, fiction, espace*.

⁴² Os *gazes*, ou olhares, de Mildred Cossart, objecto do nosso pequeno estudo, lembram-nos, entre outras, das fotografias em *Twelve Days. An account of a journey across the Bakhtiari Mountains in South-western Persia*, de Vita Sackville-West. Também estas fotografias e, neste caso, especialmente os textos de Sackville-West, comprovam por excelência, o referido anteriormente: também a Pérsia se torna lugar imaginado da aventureira viajante, e os interesses políticos e económicos britânicos não são discutidos, porém fotografados: numa das fotografias de paisagem desse livro podem ser vistos, no fundo, os campos de petróleo. Para além disso são usadas as narrativas pictóricas do costume: paisagem quase intocada, com ou sem os exploradores, ‘indígenas’, ‘domestic subjects’, fazendo parte das mesmas. O livro de Sackville-West contribuiu para a divulgação da presença de mulheres como viajantes e ‘exploradoras’ e a autora pode ser considerada também como uma das mulheres que acompanham a apropriação verbal e visual de território.

«Les campagnes aventureuses, les expéditions difficiles, les navigations hasardées m'ont toujours séduit; c'est pourquoi devant ces îles barbares où ne vivaient que des chèvres sauvages, des phoques, des oiseaux marins; devant la poésie qui planait sur ce domaine presque vierge dans la ceinture blanche qui lui faisait les vagues de l'Océan, je fus ardemment sollicité.»⁴³

As paisagens das Ilhas Desertas são representadas como hostis, cabras caem de abismos arrepiantes, tempestades põem em perigo os acampamentos, etc. Ou seja: também Tinayre apresenta-nos uma combinação entre sítio real e espaço fictício – mais outra versão de apropriação de paisagem: a conquista de uma virgem.

Fig. n.º 12 – Um dos Desenhos por Louis Tinayre para o livro do Príncipe Alberto de Mônaco, *La Carrière d'un Navigateur*: a cena da chegada à ilha inóspita; a imaginação 'mo(n)stra' as rochas, e parece que a sua conquista apenas pode ser feita sob perigo de morte

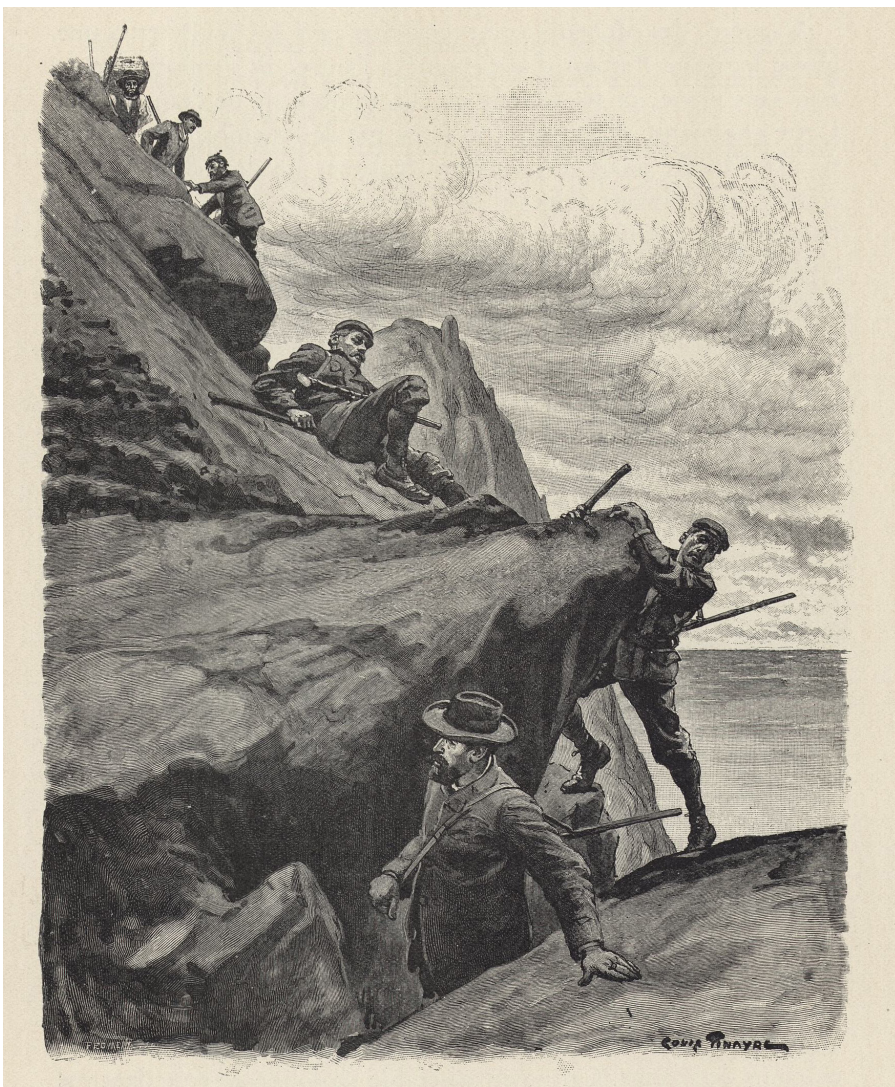


... il nous signifia de le rejoindre par le même chemin. (P. 84.)

Fonte: Archives du Palais Princier de Monaco, Louis Tinayre.

⁴³ ALBERT, 1901, *La Carrière d'un Navigateur*, p. 76.

Fig. n.º 13 – Cena de Caça que sublinha o perigo em que se encontram os caçadores; em primeiro plano, o Príncipe Alberto I; o seguinte, Arthur Cossart; a descer a escarpa, sentado, parece ser Harry Hinton; em cima, à direita, John Ernest Blandy (com chapéu à Sherlock Holmes); e, à esquerda, o Príncipe d’Arenberg⁴⁴



Fonte: Archives du Palais Princier de Monaco, Louis Tinayre.

O que Pratt chama por «anti-conquest», a estratégia de apropriação sem subjugação e violência, é reforçada pela presença feminina e de crianças, nas fotografias de Mildred Cossart assim como no *Scrapbook*. Como habitual em toda a literatura de viagem colonial a representação verbal e pictórica comece com as cenas de chegada. Assim é feito no início do capítulo sobre as Desertas em Koebel (entre as páginas 196 e 197), e no álbum privado de Mildred Cossart.

⁴⁴ Agradeço a identificação das pessoas a Manuel Biscoito.

Fig. n.º 14 – «Landing at Castanheira»; uma das várias cenas de chegada, repertório típico de relatos de viagens, neste caso às Desertas



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 2.

Fig. n.º 15 – «Landing at Castanheira»; o acesso às Ilhas Desertas não parece fácil



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 2.

Anne Martina Emonts

Fig. n.º 16 – A Paisagem intitulada como «Long Valley» com acampamento



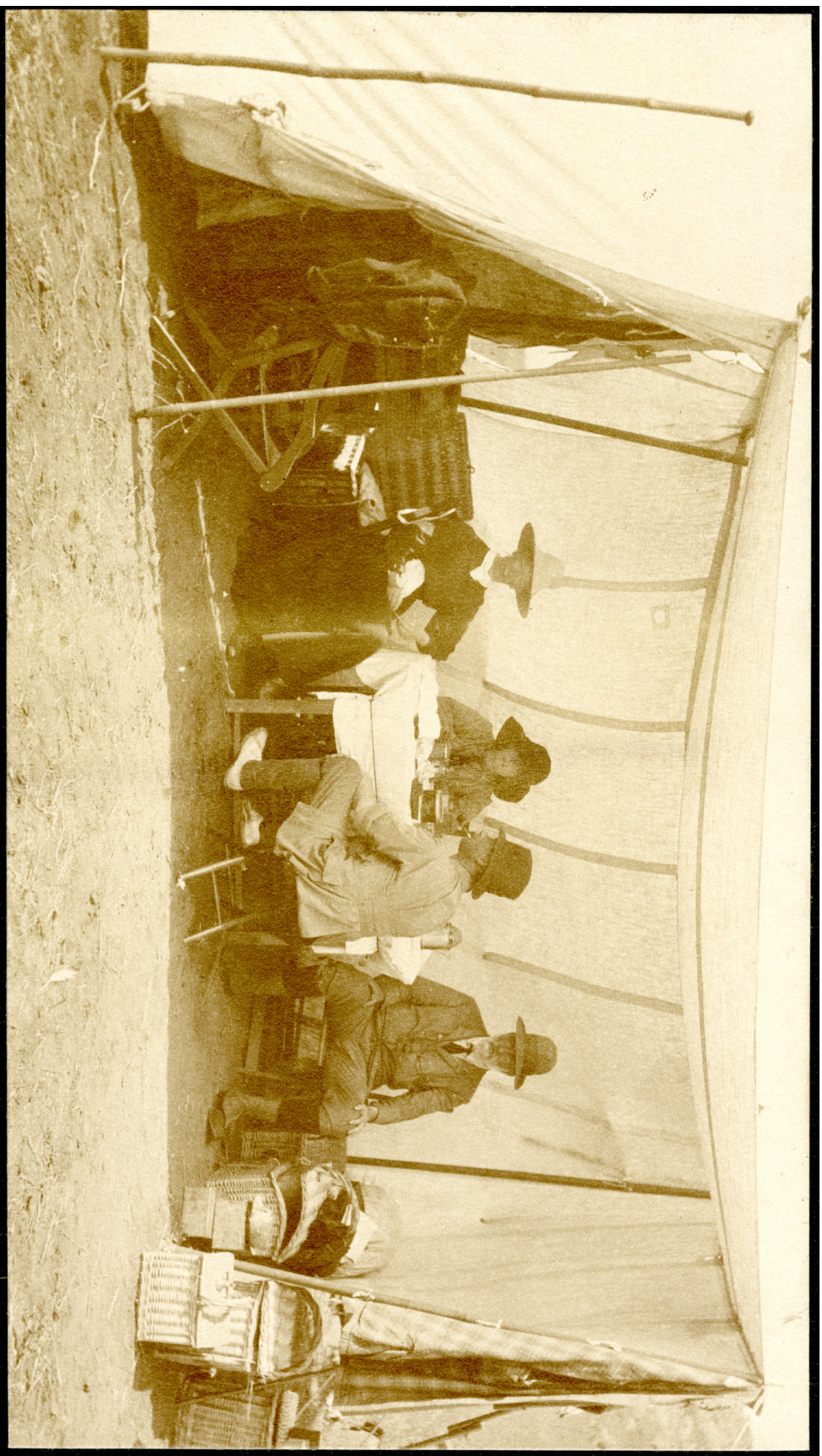
Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 4.

Fig. n.º 17 – O Acampamento no «Long Valley», com mulheres; à esquerda, Charles John Cossart; a primeira senhora, da esquerda para a direita, é a sua mulher, Anne Mary Furber Cossart, nascida Blandy; a senhora mais nova, à direita, é Mildred Blandy Cossart, filha dos primeiros; aqui a mensagem é semelhante à de relatos de viagem e representações pictóricas dos tempos coloniais: mulheres são bem-vindas no processo de colonização



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 4.

Fig. n.º 18 – Outro Acampamento de outra visita, igualmente com mulheres; no acampamento, nunca são representados os batedores, nunca juntos com as mulheres; no entanto, há fotografias de cenas de caça, juntamente com os caçadores



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 18.

Fig. n.º 19 – Arthur Cossart com grande chapéu no Ilhéu Chão



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 11.

Fig. n.º 20 – Um dos Batedores, representado individualmente e com o seu nome: «Jose Nunes with buck»



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 3.

Fig. n.º 21 – Mildred Cossart a pescar; a vida parece fácil, até para jovens mulheres



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 1.

Fig. n.º 22 – «Beaters coming from Rochador das Casas»; paisagem das Desertas: à direita são reconhecíveis restos de habitação humana



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 7.

Fig. n.º 23 – Fotografia de Formações Vulcânicas nas Desertas – «Volcanic formations near Enchalmaças»



Fonte: ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, p. 10.

5. Em Jeito de Uma Conclusão

Conseguimos apresentar apenas uma pequena amostra das numerosas fotografias nunca vistas de Mildred Cossart. O tesouro guardado no ABM aguarda a sua exposição ao público pelo seu interesse inestimável estético, paisagístico, geológico, histórico e cultural. Devemos, paradoxalmente, este precioso legado ao gesto de apropriação colonial do território, seja este físico ou pictórico. Sem as máquinas fotográficas das famílias Blandy, Hinton e Cossart e o seu olhar artístico não teríamos acesso às imagens das Ilhas Desertas no seu estado na viragem do século XIX para o século XX. Esperemos ter lançado uma luz sobre a presença e o papel de mulheres no processo colonial que muitas vezes é negligenciada e aguarda interpretação mais profunda.

O nível cultural de uma sociedade mede-se pela relação com a sua paisagem. Se não queremos correr o perigo de subjugar-nos ao neocolonialismo turístico e à apropriação – não só simbólica – de espaços (pela pegada ecológica do turismo maciço, pela gentrificação das cidades, etc.), urge a preocupação, por exemplo, com documentos como estes aqui interpretados e ainda outras medidas de conservação da memória colectiva. Assumimos, felizmente, como indispensável a protecção da verdadeira dona das Ilhas Desertas, a foca-monge-do-mediterrâneo. Uma exploração turística das Ilhas poderá ser refletida com precaução, mas a democratização da ‘caça turística aos olhares’, o *gaze* do turista⁴⁵, nunca deve levar à destruição do nosso património.

6. Fontes e Bibliografia

Fontes em Arquivos

ABM, Espólio Anthony Miles, cx. 1, álbum 3, “Desertas”.

ABM, Igreja Inglesa da Madeira, Batismos, Livro 1.

ABM, Igreja Inglesa da Madeira, Casamentos, Livro IIM 1.

Archives du Palais Princier de Monaco, Louis Tinayre.

Arquivo privado de Adam Blandy, Cartas de Mildred Lee, nascida Cossart, a Graham Blandy (cedidas pelo proprietário).

Arquivo privado de Anne Martina Emonts, Fotografias tiradas com a licença de Otilia Welsh.

Arquivo privado de David Cossart, *The Scrapbook* (cópia cedida por Manuel Biscoito).

⁴⁵ URRY, 1990, *The Tourist Gaze*.

Arquivo privado, Fotografias de Charles F. Raleigh Blandy, gentilmente cedidas por Andrew Blandy e Emanuel Gaspar.

Bibliografia

- ALBERT, 1.^{er} Prince de Monaco, 1901, *La Carrière d'un Navigateur*, Paris.
- «ALBERTO I, PRÍNCIPE DO MÓNACO: UMA EXCURSÃO ÀS ILHAS DESERTAS: MADEIRA», 2017, Funchal, Museu de História Natural [Catálogo de exposição].
- «AS DESERTAS», Serviço do Parque Natural da Madeira, 2013, in *Diário de Notícias da Madeira, Revista Mais*, 9.6 2013, pp. 8-10.
- «AS ILHAS DESERTAS», 1895, in *Diário de Notícias*, 9.1.1895, s.p.
- «AS ILHAS DESERTAS», 1895, in *Diário de Notícias*, 10.1.1895, p. 2.
- ARONDEKAR, Anjali, 1993, «Reading (Other)Wise: Transgressing the Rhetoric of Colonization», in *symplokē*, vol 1, n.º 2, Presentations Of The Subject, pp. 163-176.
- AUGÉ, Marc, 1992, *Non-Lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Paris, Seuil, coll. La librairie du XXI^e siècle.
- CIARLO, David, 2012, «Advertising and the Optics of Colonial Power at the Fin de Siècle», in LANGBEHN, Volker (ed.), *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory*, New York, London, Routledge, pp. 37-54.
- «DESERTAS», 1995, in *Diário de Notícias da Madeira, Suplemento*, 1.7.1995, pp. I-XXIII.
- FRUTUOSO, Gaspar, 1522-1591, *As Saudades da Terra: História das ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens: manuscrito do séc. XVI anot. por Álvaro Rodrigues de Azevedo*, int. de Alberto Vieira, Funchal, Empresa Municipal "Funchal 500 anos", 2008.
- «GOAT AND SEAL SHOOTING IN THE DESERTA [sic!] ISLANDS, 1906, in *Illustrated Sporting and Dramatic News*, 20.10.1906, London, p. 10.
- GREGORY, Desmond, 1988, *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*, Rutherford, Madison, Teaneck, Fairleigh Dickinson University Press, London and Toronto, Associated University Presses.
- KOEBEL, William Henry, 1909, *Madeira: Old and New*, Illustrated with Photographs by Miss Mildred Cossart, London, Francis Griffiths.
- LANGBEHN, Volker, 2010, «Picturing Race: Visuality and German Colonialism [Introduction]», in LANGBEHN, Volker (ed.), *German Colonialism, Visual Culture, and Modern Memory*, New York, London, Routledge, pp. 1-33.
- PÃO, Nélio, 2013, «O príncipe Alberto I do Mónaco na Madeira em 1888: observações sobre o porto do Funchal, as ilhas Desertas e a História Natural do arquipélago», in *Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico*, n.º 5, Funchal, pp. 243-260.

- PITA, Alberto, 1999, «"Jóias da Coroa" da Europa», in *Diário de Notícias da Madeira*, 5.9.1999, p. 6.
- PRATT, Mary Louise, 2003 [1992], *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation*, New York, London, Routledge.
- REBOK, Sandra, 2009, «La Exploración Naturalista de Madeira en el Siglo XIX: los Viajeros alemanes y su Interés por esta Isla», in *Arbor, Ciencia, Pensamiento y Cultura*, vol. CLXXXV, n.º 740, noviembre-diciembre 2009, pp. 1323-1337.
- RIBEIRO, João Adriano, 1999, *As Ilhas Desertas*, Ed. Calcamar.
- RODRIGUES, Paulo Miguel Fagundes, 2006, *A Madeira entre 1820 e 1842: Relações de poder e influência Britânica*, Funchal, Universidade da Madeira [Tese de Doutoramento].
- RODRIGUES, Elisabete Teixeira Gouveia, 2013, *Os Cossart. Traços de uma Presença Inglesa na Madeira Oitocentista*, Funchal, Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes, Centro de Estudos de História do Atlântico [Coleção Teses 12].
- SACKVILLE-WEST, Vita, 1928, *Twelve Days. An account of a journey across the Bakhtiari Mountains in South-western Persia*, London, The Hogarth Press.
- SACKVILLE-WEST, Vita, 2011, *Zwölf Tage in Persien. Reise über die Bakhtiari-Berge*, Berlin, Verlag Klaus Wagenbach.
- SANTOS, Rui, 1997, «As Desertas. A sua Dependência Administrativa», in *Islenha*, n.º 21, Julho-Dezembro de 1997, pp. 23-34.
- URRY, John, 1990, *The Tourist Gaze*, London, Sage.
- VERÍSSIMO, Nelson, GUERRA, Jorge Valdemar, 1997, «A Instituição do Morgado das Desertas», in *Islenha*, n.º 21, Julho-Dezembro de 1997, pp. 5-22.
- WESTPHAL, Bertrand, 2007, *La Géocritique: Réel, fiction, espace*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- «WILD GOAT SHOOTING IN THE DESERTAS ISLANDS OF MADEIRA», 1892, in *Illustrated Sporting and Dramatic News*, 18.6.1892, London, pp. 14-19.